

## **África em Ascensão — Construindo para o Futuro**

Discurso inaugural de Christine Lagarde

Directora-Geral do Fundo Monetário Internacional

Maputo, 29 de Maio de 2014

### **Introdução**

Bom dia.

É com grande prazer que dou as boas-vindas a todos a esta conferência sobre África. Quero agradecer ao Presidente **Guebuza** e ao Governo de Moçambique por acolherem este evento e aos muitos outros parceiros que contribuíram para a sua realização.

É de facto um grande privilégio estar aqui hoje, cinco anos após a Conferência da Tanzânia. As realizações de África são extraordinárias e as perspectivas gerais para o continente são optimistas. Este é um momento empolgante para África. E o tema da conferência, *África em Ascensão*, capta esta euforia.

### **A Jornada de Moçambique**

Em muitos aspectos, Moçambique é a epítome deste espírito positivo. Ao longo das duas últimas décadas, Moçambique exibiu uma das mais elevadas taxas de crescimento da região subsariana — uma média de 7,4% ao ano.

Foram tomadas medidas importantes para reduzir a pobreza e aumentar a esperança de vida. São estes os frutos de anos de esforço no desenvolvimento de instituições e na gestão económica sólida. A descoberta recente de recursos naturais oferece uma oportunidade ímpar de consolidar estes ganhos e tornar o crescimento mais inclusivo.

Há um provérbio africano que diz: “*Se quiser andar depressa, caminhe sozinho. Se quiser ir longe, junte-se aos outros.*”

Moçambique percorreu um longo caminho, e a jornada continua; o FMI sempre esteve e continuará a estar ao seu lado. Temos trabalhado juntos para fornecer apoio financeiro e aconselhamento em matéria de políticas. Apoiamos também a agenda de reformas do país com o reforço das iniciativas de assistência técnica e capacitação, que prosseguem até hoje.

Quero congratular Moçambique — e, de facto, toda a região — por esse desempenho impressionante. África assumiu as rédeas do seu próprio destino. É chegada a hora de construir o futuro.

Esta conferência oferece uma oportunidade única para reflectirmos — juntos — sobre as lições extraídas do sucesso de África e os desafios para o futuro. O continente é bastante diverso, e alguns países correm o risco de ficar para trás, especialmente aqueles que enfrentam conflitos constantes. Em outros, o crescimento rápido ainda não foi amplamente compartilhado com toda a população, com muitos africanos longe de provar os frutos do sucesso económico.

Nesse espírito, quero partilhar com todos estas três perspectivas:

- (i) *Onde estamos — o balanço das realizações de África.*
- (ii) *Os desafios a curto e longo prazo que estão a emergir.*
- (iii) *As prioridades em matéria de políticas para abordar esses desafios e ajudar a concretizar as promessas sobre o futuro de África.*

## **1. Onde estamos — O arranque de África**

Quero começa falando do presente. Não há dúvida de que a África Subsariana está a arrancar — com um crescimento vigoroso estável por quase duas décadas e a demonstração de uma notável resiliência frente à crise financeira mundial.

A estabilidade económica rendeu frutos. Mais de dois terços dos países da região beneficiaram de dez anos ou mais de crescimento ininterrupto.

Este crescimento resultou em melhorias na educação da população, com um declínio significativo da mortalidade infantil. Em Benim e Madagáscar, por exemplo, a taxa de inscrição no ensino primário aumentou em mais de 50 pontos percentuais. Mesmo considerando que os níveis iniciais eram muito baixos, trata-se de um avanço bastante expressivo.

E, por bons motivos, África é hoje um destino cada vez mais popular de investimentos, quer das economias avançadas, quer das emergentes — a expectativa para este ano é de entrada de 80 mil milhões de dólares, um nível recorde.

Com efeito, não é de surpreender que as ‘economias de fronteira’ como Quénia, Uganda e Botswana estejam a desafiar os velhos estereótipos e a lançar o rugido poderoso dos *leões africanos*.

Contudo, a maré do crescimento não elevou todos os barcos.

A pobreza ainda se mantém em níveis inadmissivelmente elevados — afligindo cerca de 45% das famílias da região. A desigualdade continua elevada. E alguns países lutam para superar a fragilidade, ainda a braços com conflitos internos recorrentes.

O êxito da jornada de África é verdadeiramente extraordinário. Mas a crise mundial nos legou uma lição — a importância de distribuir mais amplamente os benefícios do crescimento. Quando todos beneficiam dele, o crescimento é mais duradouros.

Ao longo dos anos, o FMI tem sido um parceiro directo dessa jornada africana — mesmo durante a crise. Nós ouvimos, nós aprendemos, nós respondemos.

Reformulamos os nossos instrumentos de concessão de crédito para aumentar o acesso aos recursos, em condições mais flexíveis, para ajudar os países em necessidade; prolongamos a vigência da política de taxa de juro zero e racionalizamos a condicionalidade.

Adaptamos o aconselhamento em políticas para melhor atender aos desafios bastante específicos que a região enfrenta. E consolidamos a prestação desses serviços em cinco centros regionais de assistência técnica — no Gabão, em Gana, na Costa do Marfim, nas Maurícias e na Tanzânia. Hoje, a maior parcela dos serviços de capacitação prestados pelo FMI se dirige a África.

Temos enorme interesse em manter — e estreitar — essa parceria fecunda.

## **2. Os próximos desafios — Preocupações a curto prazo e desafios a longo prazo**

O futuro de África reside em si mesma e no seu povo. Decerto que as perspectivas para a região são bastante positivas. Espera-se que África cresça cerca de 5,5% neste ano e no próximo, com os países mais pobres a crescer a um ritmo ainda mais rápido, próximo dos 7%.

Mas é preciso manter-se atento aos desenvolvimentos para além dos seus horizontes. No plano internacional, mesmo com o mundo a virar a página da Grande Recessão, a recuperação ainda é frágil e desigual. O que isso significa para África?

### ***Preocupações a curto prazo***

A curto prazo, as perspectivas para a região poderiam ser ameaçadas por três grandes preocupações:

- (i) Crescimento mais lento em algumas economias avançadas, e em especial nas economias de mercados emergentes que estão entre os principais parceiros comerciais de África.

- (ii) Preços mais baixos de alguns produtos de base.
- (iii) Aperto das condições financeiras externas e possível aumento da volatilidade de mercado à medida que a política monetária volta à normalidade.

Os responsáveis políticos sem dúvida terão muito com que se preocupar. Mas sabem o que fazer. O FMI está pronto para ajudar, com o seu aconselhamento em políticas, a sua assistência técnica e, se necessário, o seu apoio financeiro.

### *Desafios a mais longo prazo*

Para além dessas preocupações mais imediatas, há uma série de desafios a mais longo prazo que poderiam ter enorme impacto sobre as perspectivas para África. Em alguns casos o impacto seria positivo; em outros, nem tanto.

*Desafios demográficos:* África é o mais jovem continente do mundo. Até 2040, projecta-se que contará com a maior força de trabalho do mundo — mil milhões de trabalhadores — mais do que a China e a Índia juntas. A canalização dessas reservas de capital humano para sectores produtivos oferece oportunidades económicas e sociais sem igual. Saber aproveitá-las ao máximo exigirá visão e uma gestão competente.

*Desafios tecnológicos:* A inovação tecnológica oferece grandes possibilidades. Pode ajudar a apoiar a integração mundial, melhorar a produtividade e estimular a inclusão. O desafio reside em saber aproveitar o seu poder de uma forma eficiente e eficaz.

*Desafios ambientais:* As mudanças climáticas e o crescimento sustentado da procura pressionam a sustentabilidade dos recursos naturais — o que exacerba a desigualdade e a exclusão. O desafio está em implementar políticas para estimular um crescimento que seja, a um só tempo, inclusivo e sustentável para o ambiente.

### **3. Construindo para o futuro — Três prioridades para as políticas**

Quais seriam então as prioridades em matéria de políticas para garantir que esses desafios se transformem em oportunidades?

Penso que são três: *construir infra-estruturas, erigir instituições, desenvolver indivíduos.*

#### ***Construir infra-estruturas***

Primeiro, *construir infra-estruturas* — malhas energéticas, viárias e tecnológicas. São estes os alicerces de qualquer edifício sólido e duradouro.

O que isso significa na prática? Eliminar as lacunas de infra-estruturas em África.

Nas três últimas décadas, a produção de electricidade por habitante na África Subsariana permaneceu praticamente estacionária. Apenas 16% de todas as estradas são pavimentadas, contra 38% no Sudeste Asiático. Estas deficiências representam enormes custos para as empresas — e para as pessoas.

Muitos países da região estão a tomar medidas importantes para colmatar este défice de infra-estruturas. Na Etiópia e em Moçambique, por exemplo, os investimentos no sector energético estão a ser ampliados, inclusive através de projectos que promovem o comércio transfronteiriço de energia eléctrica. O Quénia e a Costa do Marfim estão também a iniciar projectos regionais de infra-estruturação energética e redes rodoviárias e ferroviárias.

Tais investimentos são fundamentais para que o crescimento seja sustentado — e alargado. Infra-estruturas de alta qualidade podem ser um factor de atracção do investimento estrangeiro. Podem acelerar a diversificação e a criação de emprego, e apoiar uma maior integração regional.

Contudo, os custos a incorrer para eliminar esse défice de infra-estruturas podem ser assustadores. Estima-se que os investimentos necessários na região ascendam a cerca de USD 93 mil milhões —por ano. Na maioria dos casos, os investimentos necessários são elevados e imediatos. É preciso que sejam seleccionados, administrados e executados criteriosamente, dentro de uma perspectiva orçamental de médio a longo prazo.

Nesse ponto, o FMI pode ser útil. Estamos a trabalhar com uma série de países membros — através dos nossos centros de capacitação e da assistência técnica no terreno — para aperfeiçoar as capacidades de gestão do investimento público e da dívida. Isso ajudará a colocar esses países numa posição muito melhor para tirar proveito da maior variedade de opções de financiamento.

### ***Erigir instituições***

Tratarei agora da segunda prioridade de política: *erigir instituições*. Isto significa governação, transparência e enquadramentos económicos sólidos.

Já discorreremos sobre os alicerces do edifício; imaginem agora que as instituições são os sistemas que asseguram o seu bom funcionamento e a sua longevidade — como sistemas de aquecimento, refrigeração e abastecimento de água.

Todos sabemos que África tem um enorme potencial — abriga mais de 30% das reservas minerais do mundo. Se administrado correctamente, este património oferece uma oportunidade incomparável para o crescimento económico e o desenvolvimento. Ademais, tais recursos podem ser instrumentais para colmatar os grandes défices de infra-estruturas a que me referi há pouco.

E no entanto — e serei bem franca — em inúmeros países, as rendas das indústrias extractivas são capturadas por uma minoria. A mineração pode responder por uma parcela considerável do produto e das receitas de exportação, mas em geral contribui relativamente pouco para as receitas orçamentais e a criação de emprego. Isso corrói o tecido económico e a coesão social.

O que pode ser feito? O reforço dos enquadramentos institucional e de governação que regem tais recursos é um bom começo. A transparência pode ajudar a aumentar a prestação de contas — e garantir que os recursos sejam utilizados em proveito de todos.

Muitos países tomaram medidas nesse sentido. Por exemplo, Serra Leoa e Uganda estão a definir novas regras fiscais na expectativa de grandes fluxos de receitas dos recursos. A Costa do Marfim está também a implementar um novo enquadramento jurídico para o sector mineiro que ajudará a atrair um volume maior de investimento directo estrangeiro.

Trata-se de áreas em que o FMI tem ajudado a mobilizar uma vasta gama de experiências internacionais. E esperamos poder contribuir muito mais.

### ***Desenvolver indivíduos***

Temos então os alicerces do nosso edifício (infra-estruturas); erigimos os sistemas que assegurem o seu funcionamento eficaz e eficiente; agora temos que trazer as pessoas.

Chegamos assim a minha terceira prioridade: *desenvolver indivíduos* — crianças, jovens, trabalhadores e, em especial, mulheres.

Que fique bem claro: O maior potencial de África é o seu povo. Ele é a chave para que a região beneficie plenamente dos dividendos do crescimento populacional. Segundo algumas estimativas, um aumento de um ponto percentual da população em idade activa pode acelerar o crescimento do PIB em 0,5 pontos percentuais. Isso é extraordinário.

Contudo, para que isso ocorra, é preciso criar empregos “bons” no sector privado. Hoje, apenas uma em cada cinco pessoas na África encontra um emprego no sector formal. Isso tem de mudar. Com o acesso alargado a infra-estruturas e serviços de educação e saúde de boa qualidade, isso *pode* mudar.

Da mesma forma, pode-se utilizar a tecnologia para ampliar o alcance e o acesso dos serviços financeiros a milhões de pessoas. A experiência do Quênia nessa área oferece ao resto do mundo lições valiosas sobre como capacitar os pobres através do acesso financeiro.

Graças a uma combinação de banca móvel e provisão de serviços financeiros, 75% da população do Quênia tem acesso aos serviços financeiros. E, mais importante, são os pobres os maiores beneficiários desta expansão.

O que me traz a um assunto que me é muito caro: as mulheres. Sei que a maioria das mulheres africanas não pode se dar ao luxo de *não* trabalhar. Mas quando trabalham, na maioria das vezes o fazem em actividades informais. Todos sabemos o que isso significa: baixa produtividade, baixos rendimentos, poucas perspectivas. Sabemos também das limitações no acesso à educação, ao crédito, aos mercados.

Os ganhos que podem ser auferidos ao superar tais limitações são imensos — sobretudo através da educação das raparigas. Segundo algumas estimativas, a perda económica nos países em vias de desenvolvimento resultante da lacuna entre a educação de rapazes e raparigas pode ascender aos USD 90 mil milhões ao ano — quase o mesmo que o défice de infra-estruturas da África Subsariana inteira!

Diz o velho provérbio africano: *“Educar um rapaz é formar um homem. Educar uma rapariga é formar uma comunidade”*.

O meu ponto é: invistam nas mulheres. A taxa de retorno económico e social é magnífica para o futuro.

## **Conclusão**

Para concluir:

Estamos todos a testemunhar uma transformação radical em África. Há cinco anos, na Tanzânia, as economias africanas estavam sob pressão, numa altura em que a economia mundial enfrentava a sua mais grave crise desde a Grande Depressão. Reunimo-nos agora em Moçambique com uma perspectiva de optimismo e grandes esperanças.

As oportunidades são vastas; os desafios, ainda que significativos, podem ser superados — através da sustentação de políticas vigorosas, quer no plano económico, quer no plano social. É chegada a hora de ir além — de trabalharmos juntos rumo a uma estratégia de crescimento inclusivo, sustentável e rico em empregos. É chegada a hora de estender os ganhos que muitos

países têm desfrutado àqueles que ficaram para trás — ajudando-os a superar a fragilidade e construir instituições sólidas.

Para concluir, quero citar as palavras do hino nacional de Moçambique: “Pedra a pedra, construindo um novo dia”. É isso que África em Ascensão representa.

*África em Ascensão* beneficiará as vidas das pessoas no continente. Mais do que isso, *África em Ascensão* beneficiará o mundo. Uma África ainda mais integrada ao mundo — e um mundo a aprender com a África.

Muito obrigada.